

OS FENÔMENOS MEMORIALÍSTICOS ONLINE SOBRE A COVID-19 NO INSTAGRAM

PRISCILA CHAGAS OLIVEIRA¹; DANIELE BORGES BEZERRA²; JOÃO
FERNANDO IGANSI NUNES³

¹Universidade Federal de Pelotas – priscila.museo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – borgesfotografia@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da investigação de doutorado da primeira autora deste resumo, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, e se fundamenta em artigos já publicados (BEZERRA; OLIVEIRA, 2021; OLIVEIRA; BEZERRA, 2022). A pesquisa está inserida sob as bases do campo de estudo em Memória Social transpassada pelas culturas ciber: cultura digital (SANTAELLA, 2003) cibercultura (LÉVY, 1999), cultura cíbrida (BEIGUELMAN, 2004), cultura da interface (JOHNSON, 2001), cultura da participação e da colaboração (SHIRKY, 2011). A proposta da investigação reflete sobre o que Erika Doss (2008) nomeou de “mania memorial”, ou o que Pierre Nora (1993) chamou de uma “vontade de memória” que observamos estar potencializada durante o período de isolamento social, decorrente das medidas sanitárias durante as primeiras fases da pandemia da covid-19, mobilizando para a criação de inúmeros perfis no *Instagram* autointitulados museus e/ou memoriais sobre o período pandêmico.

Já se passaram quase três anos desde o estabelecimento de um “novo real”, moldado por um vírus (SARS-CoV-2) que, em escala global, reformulou rituais e impôs novas práticas cotidianas pautadas em um trauma coletivo (GARCIA, 2010). No Brasil, o negacionismo científico e histórico por parte da população brasileira, as estratégias prejudiciais do Governo Federal (USP, 2021) e a tragédia humana representada pelas inúmeras mortes¹ geraram uma ruptura abrupta no processo de significação e, uma dificuldade na elaboração das experiências.

Neste contexto, viu-se nas plataformas de mídias sociais uma estratégia de “se dar continuidade à vida”, potencializando-se a presença online, e tornando significativo refletir sobre a produção, circulação e transmissão de narrativas e testemunhos dolorosos. Percebe-se que plataformas como o *Instagram*, além de funcionarem fundadas no imperativo da visibilidade, também atuam como instrumento de um “fazer memorial” contextualizado, próprio do período pandêmico no qual memórias traumáticas e suas ambiguidades (MENESES, 2018) são publicizadas sob diferentes aspectos em perfis autointitulados museus e/ou memoriais.

2. METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa de doutorado mescla elementos do método da etnografia virtual (HINE, 2000) e da cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2020). A implicação pessoal no contexto de pesquisa transforma os autores em testemunhas, narradores e observadores, que fluem, se

¹ No Brasil já são mais de 681 mil mortes – dados de agosto de 2022 -, com um pico de mais de 4 mil mortes diárias em abril de 2021, conforme dados da Organização Mundial da Saúde (2022).

movimentam e cartografam o campo de estudo da qual também fazem parte e por ele são fortemente afetados²

Foram realizados dois levantamentos até o momento, o primeiro no dia 06 de janeiro de 2021 e o segundo em 31 de agosto de 2021. Os levantamentos se deram em duas etapas. Na primeira ocorreu a aproximação com o campo e a observação exploratória a partir da vivência das autoras no *Instagram*. Por meio de seus perfis e da composição de suas comunidades afetivas virtuais foi possível observar a construção de um “fazer memorial” pandêmico em rede através da circulação de imagens, textos, vídeos e áudios. Na segunda etapa, foi realizada uma busca direcionada por meio da ferramenta “pesquisar” da plataforma, inserindo os seguintes termos (em português e inglês): “pandemia”, “quarentena”, “covid”, “covid-19”, “coronavírus” e “isolamento”, associados aos termos “museu” e “memória”. Cabe destacar que o segundo levantamento teve como principal objetivo observar os fluxos decorrente dos meses que se seguiam entre isolamento e flexibilização, e que poderiam impactar os fenômenos memorialísticos já existentes, ou impulsionar a criação de novos. Por fim os dados foram sistematizados e categorizados em uma planilha do Excel para análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sistematização dos dados mostrou que ocorreu um aumento de 80% no “fazer memorial” sobre a covid-19 na plataforma *Instagram no período analisado*. Em janeiro de 2021 foram localizados 72 fenômenos, já em agosto foram 130, dentre os quais 42 intitulavam-se “museus” e outros 88 “memoriais”. Além disso, a categoria “arquivo” também ganhou destaque, haja vista a criação de perfis com o caráter de arquivamento das memórias da pandemia. Outra categoria importante que emergiu, e que neste trabalho é intitulada “memórias”, refere-se aos perfis com característica de diários de vivências, narrativas e testemunhos de caráter pessoal, em que o(a) autor(a) exprime suas emoções e as endereça aos seus seguidores. De maneira geral esses perfis podem ser de cunho “espontâneo”, ou seja, nascem por “vontade de memória” (NORA, 1993) de alguém e não possuem vinculação institucional ou podem, ainda, estar diretamente vinculados a uma instituição que usa o *Instagram* para divulgar suas ações. Nesses casos, a plataforma também funciona como estratégia de captação de acervo, ou seja, as pessoas são convidadas a doar suas memórias sobre a covid-19, construindo, juntamente com as instituições, as coleções que contarão e salvaguardarão a memória do tempo presente.

Os cinco fenômenos com maior engajamento em relação ao número de seguidores³ dão pistas da forma como a memória coletiva deste período tem sido elaborada: 1. O @covidartmuseum (171mil)⁴ ou CAM é uma das primeiras e mais famosas iniciativas sobre o tema e pode ser considerado: “O primeiro museu de arte do mundo nascido durante a crise da COVID-19 (sic)”. O perfil surgiu da reflexão sobre a produção de arte como forma de elaborar, engajar e/ou escapar das angústias causadas pelo isolamento; 2. O @museudoisolamento (135 mil)⁵ é

² Ver SIQUEIRA, P.; FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, [S. l.], v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 22 ago. 2022.

³ A análise quantitativa não foi empregada como critério valorativo e, sim, apenas para indicar os perfis com maior alcance em termos de visitação. O número de seguidores refere-se à coleta do dia 31 de agosto de 2021.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/covidartmuseum/>. Acesso em 17 ago. 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/museudoisolamento/>. Acesso em 17 ago. 2022.

uma iniciativa da relações públicas Luiza Adas, inspirada no CAM, e é apresentado como o primeiro museu *online* do Brasil dedicado a divulgar o trabalho de artistas que estão produzindo no período de isolamento social; 3. O @inumeraveismemorial (97mil)⁶ é uma intervenção artística que publica textos curtos com características que identificam cada pessoa falecida pela Covid-19, mas que também faz com que os outros se identifiquem com elas, uma espécie de epitáfio coletivo que destaca a vida por trás de cada número; 4. O @cartasdapandemia (37 mil)⁷ foi idealizado pelo jornalista gaúcho Felipe Lenhart e a sua metodologia epistolar carrega a característica intimista e testemunhal dos relatos em primeira pessoa destinados a amigos e, por isso, exprime pontos de vista variados sobre o cenário político, distintas formas de interpretação e responsabilização coletiva. Por fim, o 5. @reliquia.rum (32 mil)⁸ idealizado pela antropóloga Débora Diniz, em parceria com o artista Ramon Navarro, foi o fenômeno motivador de toda a pesquisa, instigando afecções e reflexões por parte dos autores deste trabalho. Nesse espaço as narrativas prestam homenagem e singularizam a existência de mulheres falecidas com a covid-19, tendo na ideia de relicário uma forma de preservação dos vestígios de existências interrompidas pela doença.

4. CONCLUSÕES

Os fenômenos memorialísticos *online* analisados cumprem uma função importante no processo de memorialização e de elaboração do luto, principalmente diante do isolamento social que inviabilizou rituais de despedida.

Nos perfis encontrados, o “fazer memorial” converte-se em estratégia de significação de um acontecimento fragilizador, causador de um trauma cultural que “não passa”, e que no contexto brasileiro soma-se a crises política, social e moral. Os perfis também se constituem em espaços coletivos e colaborativos de publicização da dor, do medo e da revolta, instigando conexões e a construção de comunidades de apoio, em que um endereça ao outro o seu testemunho.

A investigação até o momento evidencia que, em sua maioria, os fenômenos memorialísticos sobre a covid-19 no *Instagram* têm na arte seu principal recurso narrativo para a transmissão das memórias difíceis, e este certamente é um dado fundamental. Isso pode ser explicado pela potência que a linguagem artística possui em engendrar processos de transmissão do invisível.

Ao mesmo tempo considera-se que, enquanto dispositivos que participam da gestão das memórias da pandemia, os perfis com a temática da covid-19 na plataforma funcionam como catalizadores de uma memória da dor, atuando como uma reserva memorial para o futuro, e como forma de garantir uma justa memória às vítimas. Por fim, o fenômeno memorial no *Instagram* evidencia o impulso humano de religação constante com seus pares e seu desejo de memória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, D. B.; OLIVEIRA, P.C. Fenômenos memorialísticos online em tempos de pandemia: entre o registro e a memorialização de um evento traumático. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. Especial, p. 93–116, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36030> Acesso em: 25 jun. 2022.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>. Acesso em 17 ago. 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/cartasdapandemia/>. Acesso em 17 ago. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/reliquia.rum/>. Acesso em 17 ago. 2022.

BEIGUELMAN, Giselle. **Admirável Mundo Cíbrido**. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/3003787/Admir%C3%A1vel_mundo_c%C3%ADbrido. Acesso em 23.jun.2021.

DOSS, Erika. **The Emotional Life of Contemporary Public Memorials**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2008. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/35289>. Acesso em: 09 jan. 2021.

GARCIA, Patrick. Quelques réflexions sur la place du traumatisme collectif dans l'avènement d'une mémoire-Monde. **Journal Français de Psychiatrie**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 37, 2010. CAIRN. <http://dx.doi.org/10.3917/jfp.036.0037>.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

MENESES, Ulpiano. Os Museus e as Ambiguidades da Memória: A Memória Traumática. **Encontro Paulista de Museus - Memorial da América Latina**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ulpiano-Bezerra-de-Meneses.pdf>. Acesso em: 28 de jan. 2019.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

OLIVEIRA, P. C; BEZERRA, D. B. Fenômeno Museu no Instagram: memórias traumáticas da Covid-19 em rede. In: MARCHI, D.M; CASTRO, J.A.B.(Orgs) **Memórias em Tempos Difíceis**. Porto Alegre: Casalettras; Pelotas: PPGMP/UFPEL, 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nemplus/files/2022/03/Memorias-em-tempos-dificeis.pdf>. Acesso em 23 abr. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: da cultura das mídias a cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

USP. Pesquisa identifica estratégia do Executivo federal em atrapalhar combate à pandemia. **Jornal da USP**. São Paulo, 22 jan. 2021. Atualidades. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pesquisa-identifica-estrategia-do-executivo-federal-em-atrapalhar-combate-a-pandemia/>. Acesso em 28 jun. 2022.